



Depois da última votação, muito papel picado no plenário

Constituinte termina com emoção e o Hino Nacional

BRASÍLIA — O deputado Celso Dourado (PMDB-BA) correu para o microfone de apartes e, desafinado, começou a cantar o Hino Nacional. Devagar, constituintes, jornalistas, funcionários e espectadores das galerias se levantaram e, sob uma grande chuva de papel picado, se deram as mãos, levantando-as para cima. O coro cresceu e todos cantaram o hino. No meio do plenário, o deputado João Hermann (PSB-SP) levantou uma bandeira do Brasil que, passando de mão em mão, acabou estendida sobre a Mesa dos Trabalhos. No fim de tudo, houve aplausos, gritos de "viva o Brasil, viva a Constituição", abraços emocionados e muito choro.

O relógio do plenário marcava 1h55min de sexta-feira. Terminava assim a votação do projeto da nova Constituição. Ao encerrar seu discurso, afirmando que "nós vamos, a Constituição fica", Ulysses contagiou aqueles que ainda não tinham sido atingidos pelo clima emocional que rolava no plenário e nas galerias desde que o deputado José Genoíno (PT-SP) tinha prestado uma homenagem aos jornalistas que cobriram todos os trabalhos da Constituinte.

Voltando-se para a tribuna da imprensa, o plenário começou a aplaudir, demoradamente e de pé, os repórteres. Estes se levantaram também e retribuíram as palmas. Logo depois, seria a vez do deputado Fernando Santana (PCB-BA) agradecer à sociedade civil. Sucessivamente, seriam homenageados os funcionários, os constituintes que morreram durante os trabalhos, Tancredo Neves e Sarney (sob vaia das galerias) e Ulysses, o mais elogiado.

Papel picado — O clima de festa começara a despontar às 21h, quando o deputado Cássio Cunha Lima (PMDB-PB) mobilizou colegas como Alcení Guerra (PFL-PR).

Rita Camata (PMDB-ES), Jaime Santana (PSDB-MA) e Antônio Gaspar (PMDB-MA) para picarem papel. Pouco depois, mais da metade do plenário os imitava e montanhas de papel se formavam sobre as bancadas.

A derrota de uma emenda do senador Pompeu de Souza (PSDB-DF), que pedia "eleições diretas já" para Brasília, provocou um tumulto nas galerias, quando os seguranças da Câmara tentaram recolher uma faixa que uma tropa do PC do B tentava abrir. Voaram sopapos, houve empurrões, mas a ordem logo foi restabelecida. E a garotada só voltaria a se manifestar quando o plenário rejeitou uma emenda do deputado Valmir Campelo (PFL-DF) e senador Meira Filho (PMDB-DF), que permitia ao senador Alexandre Costa (PFL-MA) assumir o governo do Distrito Federal sem perder o mandato: "Fora bioncão, volta pro Maranhão."

Doença e esforço — Num canto do plenário, o deputado Norberto Schwantes (PMDB-MT) chamava a atenção. Bastante pálido, tinha acabado de chegar de Goiânia numa ambulância depois de se submeter a uma semana de tratamento quimioterápico.

"Valeu a pena", dizia, "pois o mais importante é que, pela primeira vez, os direitos dos trabalhadores foram reconhecidos em toda a sua dignidade." Depois, quando lhe perguntaram o que mais o frustrara, explicou: "Não sei se votamos corretamente as determinações sobre o capital estrangeiro. É um pouco duro confessar isso. Mas eu não sei. Talvez só a história vá nos dar a resposta." Schwantes não ficou até o fim da sessão. Muito cansado, retirou-se um pouco antes. Antes de sair, voltou a comentar: "Valeu a pena, sim. Valeu."

Última sessão acaba em festa

Tadeu Afonso

BRASÍLIA — O deputado Fernando Lyra surpreendeu, cantando, afinado e com voz grave, *Conceição*. Imitou com perfeição o mais famoso intérprete da música, Cauby Peixoto, e ao terminar foi saudado com o coro "Cauby, Cauby." O deputado Miro Teixeira cantou em dueto com a jornalista Rita Nardelli velhos boleros. O candidato a prefeito de São José dos Campos, deputado Joaquim Bevilacqua (PTB-SP), se revelou um animador de auditório. Já o austero deputado Luz Vianna Neto (PMDB-BA) demonstrou ser competente pé-de-valsas. E o deputado José Genoíno (PT-SP) saiu com o troféu *Pelo Social*, na categoria de "menos falante" da Constituinte. Genoíno não pode ver um microfone sem começar um comício.

Assim, entre cantorias, bebida rolando solta e o deputado Cássio Cunha Lima (PMDB-PB) dançando muito para enfrentar os forrós em sua campanha para prefeito de Campina Grande, a festa de encerramento dos trabalhos da Constituinte continuava às 5h30 de ontem no Bar Piantella, depois de onze horas de votação. Nem o sisudo líder do PDT, deputado Brandão Monteiro, resistiu: agarrou o microfone, que estava com Miro Teixeira, e atacou de Lupiscínio Rodrigues.

A comemoração começou a ser preparada discretamente ainda em plenário, quando Cássio e outros deputados rasgavam quilos de jornais, transformando-os em papel picado. Além de Miro, Cássio, Lyra, Bevilacqua, Vianna e Brandão, seguiram para o Piantella os senadores Severo Gomes (PMDB-SP) e Teotônio Vilela Filho (PMDB-RJ), Raquel Capiberibe (PSB-AP), Miriam Portella (PDS-PI), Roberto Freire (PCB-PE), França Teixeira (PMDB-BA) e João Carlos Bacellar (PMDB-BA), além de dezenas de jornalistas e assessores parlamentares, como Fávio Sabóia, secretário do deputado Ricardo Fiuza (PFL-PE).

Troféu — Foi Bevilacqua quem esquentou a festa, ao anunciar a concessão do troféu *Pelo Social*, cuja lista corria sigilosamente ente os parlamentares ainda durante a sessão da Constituinte. "Quem acertar quem foi o melhor negociador da Constituinte", anunciou Bevilacqua ao microfone, "ganha um fim de semana na Albânia."

Jornalistas e deputados gritaram quase ao mesmo tempo: "Haroldo Lima", o líder do PC do B, um dos parlamentares com menos jogo de cintura nas incontáveis negociações da Constituinte.

"Mário Bouchardet" — foi a resposta em coro quando Bevilacqua perguntou quem tinha ganho o prêmio na categoria de "menos ausente". O deputado mineiro foi o campeão das faltas ao trabalho.

A lista dos troféus: "menos chato", senador João Menezes (PFL-PA), que irritava Ulysses e o plenário com suas questões de ordem e discursos fora de hora. "Menos puxa-saco", deputado Nilson Gibson (PMDB-PE), por haver apresentado a emenda que garantiria a reeleição de Ulysses para a presidência da Câmara. "Mais inteligente", senador Albano Franco (PMDB-SE), por haver votado, no primeiro turno, a favor da nacionalização da distribuição do petróleo por engano e perdido quase todas as negociações em que entrou. "Mais bonito", deputado Paulo Zarzur (PMDB-SP), por causa do implante de cabelo que fez. "Mais sexy", deputado Dionísio Hage (PFL-PA), que também tem o título de "rei Momo do *Centrão*". "Maior crítico do fisiologismo", deputado Matheus Iensen (PMDB-PR), que apresentou a emenda dos cinco anos para o presidente José Sarney e provocou o surgimento do lema "é dando que se recebe" e os protestos da CNBB pelo uso nada em vão da expressão de São Francisco de Assis. "Mais nacionalista", senador Roberto Campos (PDS-MT), pela suas posições em favor do capital estrangeiro e contra a reserva de mercado na informática.

"E, agora, advinhem quem é o menos falante", disse Bevilacqua. Genoíno ganhou o troféu por aclamação.

Entregues os prêmios, Miro e Rita Nardelli fizeram dueto em *Ronda*. Brandão lembrou Lupiscínio e Bevilacqua também se revelava um cantor de boleros, só dele conhecidos. Enquanto isso, Cássio, Severo, Vianna e jornalistas saracoteavam pela pista de danças. O deputado Roberto Freire decepcionou os seus fãs. Conhecido dançarino, Freire ficou o tempo todo a um canto, bebendo e comendo em companhia da mulher.

Amanhecia quando a festa terminou. Na rua, Cássio, tresnoitado pelas últimas sessões da Constituinte, tentava encontrar o caminho do aeroporto. Tinha que embarcar para Campina Grande onde começariam a campanha para a prefeitura.